

Sem medo do escuro: a fotografia que vem das sombras.

Bruna Alves Lôbo

*“Quem tem olhos de ver, olha e descobre
a forma
onde outros se deixam cegar pelo excesso
de luz
ou desesperar pelo medo do escuro.”*

Neroaldo Pontes

Diz-se que fotografar é desenhar com a luz. Acredita-se que o horário ideal para se fotografar é pela manhã, com as primeiras luzes solares ou no final da tarde com as finas luzes do sol. Esses clichês fazem parte do que se entende por fotografar, acredita quem quiser.

Como todo lobo, o João, de hábitos literalmente noturnos, desafia essas crenças nesta coletânea, mostra que a fotografia pode ser feita nas sombras, onde a luz não é bem quista e pode mostrar mais do que se o quer ver. Se passando como o personagem de “*A une passante*” de Baudelaire, e sem medo do escuro, o solitário fotógrafo vagou pela cidade de João Pessoa-PB direcionando suas lentes para aquilo que a cidade excessivamente ensolarada não vê: a taciturna urbanidade escondida, proibida e esquecida.

As fotografias com ausência de luminosidade fazem o espectador ficar absorto na tarefa de incumbir significados e propor leituras, diferente das imagens que se consomem a primeira vista. A sombra de três pernas cruzadas e três holofotes, na foto que abre esta publicação, é um alerta para os observadores procurarem o ângulo adequado de visualização, as luzes não estão focadas nos objetos e sim na posição oposta, revelando a intenção do artista em explorar a soturnidade da luz diminuta. Este é o paradigma desse novo trabalho de João Lobo, o encontro de luz e sombra, na medida em que o negrume sobressai, cria formas e estabelece o equilíbrio no princípio básico da linguagem fotográfica, sem no entanto, delinear a luminosidade como elemento primário. Ao contrário, ressalta a ausência de luz na elaboração de uma poética visual plenamente concatenada com as possibilidades imagéticas da fotografia contemporânea.

As fotos não possuem legendas, como toda obra de arte, possuem títulos que em sua maioria dizem respeito ao *insight* do artista, é a voz que expressa. Expondo, além das imagens, o seu processo criativo em palavras a traduzir sentimentos sobre os lugares

perdidos na escuridão e, pelo fotógrafo, abusivamente explorados em “erros”. Seguindo o conselho de Flusser, o João, como uma criança a brincar com sua lanterna, brinca “across lens” imbuído da coragem para errar, errar, até domar o erro e transformá-lo em acerto. Ele estudou muito o certo para saber cometer o “erro”. São fotos impressionantes, inesperadas e surpreendentes, vide o olhar do jogador em *Kucucaia* ao mostrar o baralho para *Across lens*.

Este álbum possibilita celebrar simbolicamente as entranhas da cidade, em um ritual de estranhamento do olhar, de distanciamento da sociedade cega por excesso de luz, para um estado liminar que sobrevive na população, nos becos, na poluição, no que resta ACROSS LENS.